

Do colonial à república: o processo de consolidação e transformação das praças André de Albuquerque e Augusto Severo em Natal RN

Cíntia Camila Liberalino Viegas
Contato: 8cintiacamila8@gmail.com

Linha de pesquisa: História da Arquitetura, do Urbanismo e do Território

INTRODUÇÃO

As praças se transformam ao longo de diferentes épocas, seguindo mudanças da sociedade e ajustando-se às novas formas de usar, pensar e perceber o espaço público. São lugares importantes para a sociabilidade e identidade locais e relevantes para a compreensão dos aspectos simbólicos e históricos do processo de consolidação e transformação das nossas cidades, já que reinterpretam, reequacionam e propõem novos vínculos entre as pessoas e o meio urbano.

A fundação de Natal ocorreu em 1599 onde hoje se situa a Praça André de Albuquerque. Esta localidade, por sua vez, deu origem à malha urbana colonial da cidade.

Séculos mais tarde, no decorrer do século XIX, o processo paulatino de transformação da cidade colonial em republicana criou uma demanda por espaços destinados à elite emergente. Surge, então, a Praça Ajardinada em Natal no início do Século XX (hoje, Praça Augusto Severo), em um contexto de políticas sanitárias e “aformoseamento” das cidades brasileiras, numa tentativa de se aproximar do modo europeu de se fazer cidade.

Pressupondo que as praças devem abrigar e refletir o espírito de determinada época, que envolve e se confunde com a própria história da cidade, procura-se neste trabalho compreender o contexto de implantação e mudanças socioambientais pelas quais as duas praças referidas passaram. Trata-se de um recorte de um estudo mais abrangente em desenvolvimento (tese), que aborda as transformações da forma urbana do Sítio Histórico de Natal sob a ótica de quem reside na cidade e conhece a área. O artigo foi desenvolvido como trabalho final da disciplina Espaço e Sociedade no Brasil Urbano do PPGAU-UFRN, ministrada pelo professor Rubenilson Teixeira no semestre 2014.1.

OBJETIVOS

Compreender o processo de consolidação e transformação das praças André de Albuquerque e Augusto Severo, verificar se essas refletem o espírito da época em que se consolidaram e se estão adequadas ao Sítio Histórico em que se inserem.

MÉTODO

Revisão crítica da bibliografia sobre o tema.

DESENVOLVIMENTO

A Praça André de Albuquerque, marco zero da cidade, abrigou nos primeiros anos os edifícios mais importantes como a Igreja Matriz e a Casa de Câmara e Cadeia (Figura 1), expressão máxima das relações simbólicas de poder que se estabeleciam na sociedade colonial.

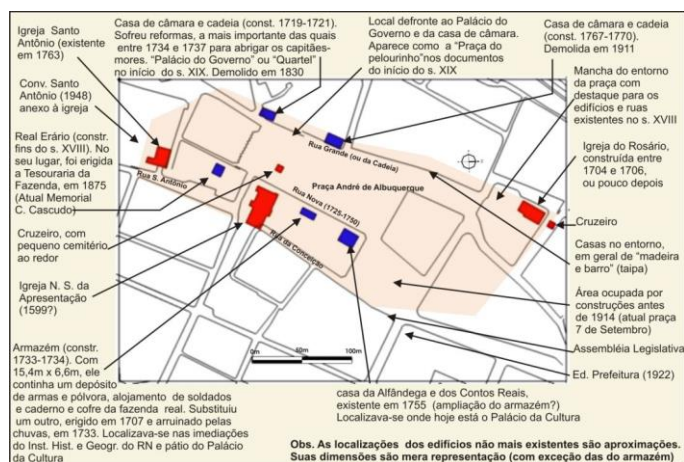


Figura 1. A praça central de Natal no século XVIII. Fonte: TEIXEIRA, 2009.

Até o final do Século XIX não haviam muitos elementos que caracterizavam o espaço como praça, apenas algumas árvores e um cruzeiro (Figura 2).



Figura 2. Praça André de Albuquerque em 1904. Fonte: BOUGARD, 1904.

Natal no início do Século XX foi marcada por obras de embelezamento e saneamento significativas, destruindo a primeira configuração espacial da cidade, cedendo lugar às aspirações modernistas (DANTAS, 2003; TEIXEIRA, 2009). A Praça Augusto Severo tornar-se-ia um dos símbolos principais desse período, enquanto suporte físico e simbólico do poder da elite local, pensada para superar o atraso da estrutura colonial, associada a todos os males da sociedade, agora republicana.

Apesar de ter sido negligenciada no início do Século XX, a Praça André de Albuquerque recebeu calçamento em granito, ajardinamento e bancos de cimento (SOUSA, 2004). A partir de meados do Século XX, até o fim do referido século, mudanças mais significativas ocorreram no local: construíram, destruíram e reconstruíram calçamentos, jardins, coretos, monumentos e mobiliário urbano (Figura 3); mas o local já não mais representava o espaço público principal da cidade.



Figura 3. Praça André de Albuquerque em 1922, vista do alto da torre da Igreja Matriz. Fonte: Pombo, 1922

Em 1999, em ocasião da comemoração dos 400 anos de Natal, o último coreto construído foi retirado, novo piso foi acrescentado, bem como colocou-se novo mobiliário urbano (bancos e luminárias) e assim permanece até hoje (Figura 4).



Figura 4. Praça André de Albuquerque hoje. Fonte: www.nataldasantigas.wordpress.com

Sousa (2004) aponta que hoje a praça vem sendo percebida mais como local de passagem do que de permanência e que as pessoas não a relacionam à história de Natal. Neste sentido, a ambiência histórica local foi se dissolvendo com o passar do tempo, não só pelas transformações ocorridas na arquitetura dos edifícios do entorno da praça, mas pelas próprias transformações e substituições dos seus elementos históricos. Neste sentido, a praça não reflete o espírito de épocas passadas como se espera de um lugar no coração de um Sítio Histórico.

Como mencionado anteriormente, a Praça Augusto Severo, originalmente denominada Praça da República (1902), refletia os ideais republicanos do Século XX. Funcionava como espaço de lazer; nova entrada da cidade (ferrovia); novo centro de cerimônias cívicas e militares, atividades comerciais e de serviços; além de se



3º SIMPÓSIO DE PESQUISA DO PPGAU-UFRN – DOUTORADO, MESTRADO ACADÊMICO e MESTRADO PROFISSIONAL

configurar como novo cenário para os principais edifícios públicos da cidade que surgiam, agora com tendências classicizantes (RODRIGUES, 2006).

A paisagem foi uma das preocupações centrais desta praça ajardinada (NOBRE, 2012). Foram transpostas diversas árvores adultas (palmeiras e oitizeiros) e o local foi dividido por um canal, por onde ainda circulavam águas provenientes das marés (Figuras 5 e 6).

serpentina, lago e fonte luminosa (Figura 7). A estátua de Augusto Severo foi mantida, embora o paisagismo modernista tenha como característica o abandono de qualquer referência ao passado imediato (NOBRE, 2012).



Figura 7. Imagem da Praça após divisão e construção do Terminal Rodoviário nos anos 1960. Fonte: NOBRE, 2012



Figura 5. Reconstituição da Praça Augusto Severo no início do século XX. Fonte: NOBRE, 2012.

Em 1985 se deu a primeira intervenção intitulada “restauração”, permanecendo com a mesma configuração espacial até 2007, quando resolveu-se resgatar a superfície da praça original, desviando o fluxo de automóveis para o seu perímetro. O projeto uniu novamente as metades da praça, retrocedendo, em parte, à forma anterior a 1938, mantendo o mesmo desenho do piso e canteiros executados na “restauração” de 1985 (Figura 8). A área da praça recuperada ao trânsito compõe agora uma grande esplanada, para a qual foi proposta apenas tratamento do piso e nova iluminação (NOBRE, 2012).



Figura 8. Imagem virtual da praça após a última intervenção, executada em 2007. Fonte: NOBRE, 2012.



Figura 6. Jardim público pitoresco da Praça Augusto Severo em cartão postal da década de 1910. Fonte: Acervo Diário de Natal.

Em 1938 a praça foi dividida para dar passagem aos automóveis. Alguns anos depois, construíram uma Estação Rodoviária que se instalou em uma das metades da Praça. O restante do espaço foi reformulado de acordo com a estética modernista, inserindo bancos-

Hoje, além da estátua de Augusto Severo, pouco restou desse jardim. Assim, a Praça Augusto Severo configura-se como mais um exemplo de espaço público que se distancia do espírito da época em que foi consolidado. Mesmo com as propostas que tentam resgatar características dessa ambiência histórica, as intervenções não seguem os preceitos de uma adequada



Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo | PPGAU/UFRN

reabilitação do patrimônio arquitetônico e paisagístico, prejudicando cada vez mais as características preexistentes que tanto se espera encontrar em um Sítio Histórico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo revela dois exemplos de um quadro preocupante de desvalorização do patrimônio cultural natalense, que dissolve a ambiência histórica local. Este problema, com origem há mais de meio século, decorre de intervenções mutiladoras que pouco se preocuparam com a história e significado locais. Tanto a Praça André de Albuquerque, quanto a Praça Augusto Severo precisam reconquistar valores de identidade na memória urbana e serem reconhecidas como patrimônio cultural da cidade, evitando que as novas gerações sejam privadas do legado cultural da cidade em que vivem.

Cada praça guarda singularidades histórico-culturais para a população que a conhece e frequenta, definindo um processo no qual se criam identidades entre o usuário e o espaço público que poderão vir a desencadear o efetivo uso daquele espaço por aquela população. Neste sentido, os estudos desenvolvidos pelos diversos pesquisadores nestas duas praças só nos levam a constatar que as intervenções ocorridas fracassaram, necessitando urgentemente de novas intervenções comprometidas com os valores patrimoniais, dignas de um Sítio Histórico.

AGRADECIMENTOS

À CAPES, pela bolsa de estudos concedida. Ao Prof. Rubenilson Teixeira, orientador da tese em desenvolvimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DANTAS, G. A. F. **Linhas convulsas e tortuosas retificações:** transformações urbanas em Natal nos anos 1920. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Escola de Engenharia de São Carlos. São Carlos: Universidade de São Paulo, 2003. 178 p.

NOBRE, P. J. L. Jardins históricos em Natal: desafios para a pesquisa. In: Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em

Escolas de Arquitetura e Urbanismo no Brasil, 2012, Campo Grande. **Anais...** Campo Grande: ENEPEA, 2012, 14 p.

RODRIGUES, W. N. **Dos caminhos de água aos caminhos de ferro:** a construção da hegemonia de Natal através das vias de transporte (1820-1920). Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, RN: 2006. 180 p.

SOUSA, B. L. Q. **A praça André de Albuquerque, Natal/RN, na visão de seus frequentadores.** Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, RN: 2004. 94 p.

TEIXEIRA, R. B. **Da cidade de Deus à cidade dos homens:** a secularização do uso, da forma e da função urbana. Natal: EDUFRN, 2009.

